

A MARINHA NA AMAZÔNIA, VISTA POR UM JORNALISTA*

MÁRCIO MOREIRA ALVES
Jornalista

NAVIOS DA VIDA

Cabeça de militar funciona como ordem unida: direita volver, esquerda volver, adiante marchar. Positivo, negativo. Escolhem entre o sim e o não, como os computadores. É por isto que são tão bons para resolver problemas práticos e planejar ações concretas. Nunca se ouviu falar de um militar filósofo, mas abundantes são os militares engenheiros e, força da necessidade, militares médicos.

A Flotilha da Amazônia, criada em 1868 para vigiar a navegação estrangeira pelo Rei dos Rios, tem sete navios com sede em Manaus. Cinco são de guerra, os NaPaFlus, dois grandes e três pequenos, sendo que os grandes, *Pedro Teixeira* e *Raposo Tavares*,

têm convés para helicópteros e transportam lanchas rápidas, capazes de penetrar nos igarapés, mesmo em época de vazante. Os NaPaFlus menores** têm um calado tão pequeno que lhes permite penetrar até nos menores igarapés, o que é utilíssimo nas missões de policiamento do narcotráfico. Os maiores, *Pedro Teixeira* e *Raposo Tavares*, têm armamento mais pesado e são usados nas operações anfíbias, com fuzileiros.

Já não há mais grandes epidemias na Amazônia, como no tempo de Oswaldo Cruz. Se há um ganho definitivo nas condições de saúde dos brasileiros é o produzido pelas campanhas de vacinação. Infelizmente, não se descobriu ainda uma vacina para a malária, que é a endemia que mais gente mata nos

* N.R.: O artigo é transcrição autorizada do Jornal *O Globo* de sexta-feira 29 e sábado 30/10/99, respectivamente.

** N.R.: NaPaFlu *Roraima*, *Rondônia* e *Amapá*.

tropicais. Há estudos em curso no mundo inteiro. Um dos líderes dessa pesquisa é o brasileiro Luiz Hildebrando Pereira. Expulso da Universidade de São Paulo (USP) por ser comunista, foi para o Instituto Pasteur, em Paris, onde lhe deram um laboratório para chefiar. Os franceses, ao contrário dos milicos brasileiros da época, acharam que protozoário não tem ideologia. Aposentou-se, voltou ao Brasil e está hoje morando em Rondônia. Perguntei-lhe o porquê da escolha. Respondeu:

— Com a Internet, tenho no meu laboratório de Rondônia acesso a todas as informações de que preciso, tenho os equipamentos que tinha em Paris e mais uma coisa que lá não tinha: doentes.

Doentes de malária é o que não falta na Amazônia, mesmo na época das vazantes. Terça-feira, a 85 milhas de Tefé, a equipe do Navio-Hospital *Carlos Chagas* colheu sangue de dois pacientes suspeitos de estarem com infecções novas. Ambos tiveram resultados positivos e receberam remédios para se medicarem.

A cabeça arrumada dos marinheiros dividiu em 11 pólos de saúde as calhas dos principais rios amazônicos, que os navios-hospital visitam regularmente. São 211 localidades atendidas, se possível duas vezes por ano. Alguns dos rios mais extensos, como o Purus e o Juruá, têm dois pólos cada. Em média, cada navio faz 25 mil atendimentos anuais e essa é a única atenção de saúde que as populações ribeirinhas recebem.

A iniciativa é uma parceria — já ia escrevendo *joint venture* quando me lembrei estar tratando de gente de carne e osso, não do Banco

Central — entre o Ministério da Saúde e o da Marinha. A Saúde entra com os remédios, o combustível e os reparos dos navios; a Marinha entra com o navio, a sua operação e o pessoal de saúde. Recentemente, José Serra superou a sua folclórica paúra de voar e foi de helicóptero até Novo Airão, um município perto de Manaus, conhecer o programa. Ficou tão entusiasmado que prometeu defendê-lo contra os cortes dos Irmãos Mãos de Tesoura, Martus Tavares e Pedro Parente, que não podem saber de um ceguinho ou um paraplégico por conta do Estado que querem logo passar o dinheiro para o Armínio Fraga dar aos banqueiros. Prometeu e, até agora, cumpriu. O dinheiro tem chegado regularmente.

O atendimento fluvial preenche, com van-tagem, os postos de saúde que Oswaldo Cruz queria ver espalhados pela região. É o hospital que vai ao doente, não o inverso. O Governo do Acre está repassando para a Marinha um navio construído pelo governador Orleir Cameli no

estaleiro de seu irmão Francisco, em Manaus. Segundo os oficiais da Marinha, apesar da origem, o barco é excelente e bem equipado. Só que o Governo do Acre não tem pessoal para operá-lo, daí o repasse*.

A Marinha, além de seu pessoal permanente de saúde, conta com jovens recém-formados que postergaram para depois da conclusão dos cursos o serviço militar. É por isso que encontrei no *Carlos Chagas* médicos, farmacêuticos, dentistas e enfermeiros do Sul e do Centro-Sul e só um amazônida, um médico formado em Belém, que, tal como os outros, estava tendo o seu batismo de selva.

Em média, cada navio faz 25 mil atendimentos anuais e essa é a única atenção de saúde que as populações ribeirinhas recebem

* N.R.: Esse navio foi incorporado à Marinha em 19 de maio de 2000 com o nome de *Doutor Montenegro*.

Os navios-hospital, construídos no Arsenal do Rio de Janeiro em 1984, têm um projeto feito por quem conhece as necessidades da região. O seu casco é desenhado para proteger as hélices, de vez que, nas cheias, é freqüente o navio passar por cima dos troncos de árvores arrancadas dos barrancos pela correnteza. As cabines e os consultórios são refrigerados e os pilotos não parecem ter dificuldades para pousar no convés, mesmo com o navio em movimento.

BRAVO ZULU

É com essas misteriosas palavras que os oficiais da Marinha saúdam as manobras bem sucedidas. Gostaria de mandar a mesma mensagem aos rapazes e moças que encontrei trabalhando no *Carlos Chagas*, cuidando da saúde das populações ribeirinhas do Solimões e do Japurá, na visita que lhes fiz. Entusiasmados com o trabalho, aprendiam na prática, por vezes dolorosa, o que é o Brasil.

Fundamos frente a Tamanicuré, uma povoação a cerca de 85 milhas náuticas de Tefé, a cidade referência da região, a 600 km de Manaus, para leste, rumo à fronteira. É um ajuntamento de 40 casas e a população estava toda no campo de futebol que faz as vezes de praça. Os doentes fizeram logo fila para dar as informações pedidas por um enfermeiro, que preenchia as fichas necessárias às estatísticas de controle de endemias da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). Os casos de doenças de pele, muito freqüentes, eram repassados às técnicas da Fundação Alfredo da Mata, de Manaus.

Uma das técnicas afastou-se discretamente do grupo, com o seu saquinho de remédios. Ao voltar, perguntei o que fora fazer.

—Fui visitar um doente antigo de lepra. Ele já está curado, mas, infelizmente, foi tratado tarde e ficou com deformações sérias. Não sai de casa porque tem vergonha — respondeu.

É o preconceito cobrando uma sobrecota de sofrimento do doente.

Os ortopedistas têm fama de serem fortes e brutos. O chefe da equipe com a qual fui à Boca do Mineiroá, na confluência com o Japurá, Walmar de Oliveira, formado em Belo Horizonte, era um ortopedista do Hospital Marcílio Dias, no Rio. Improvisado clínico geral, desmentia a fama da especialidade. Uma verdadeira dama de delicadeza, no lidar com crianças e mulheres. Armou seu consultório debaixo de uma árvore, junto de uma

casa palafita. Auscultava as crianças com carinho. Às mulheres que deviam fazer exames ginecológicos, porque o corrimento vaginal é uma das mais freqüentes aflições da região, perguntava se não se incomodavam de passar a um quarto da casa para fazer o exame. Ao despedir-se, dizia sempre: "Prazer em conhecê-la".

Armou seu consultório debaixo de uma árvore, junto de uma casa palafita. Auscultava as crianças com carinho

Apareceu uma cabocla bonita, Elvira, de 24 anos, mãe de Alex e Alan, de dois e quatro anos, com um caroço no seio. Walmar voltou desolado do exame que fez. Disse que a conformação do caroço indicava uma alta probabilidade de câncer de mama. A moça não tinha a menor possibilidade de ir até um lugar onde houvesse um aparelho de tomografia que tirasse a dúvida. E, se o diagnóstico fosse confirmado, tinha menos possibilidade ainda de ir para Manaus, fazer o longo tratamento de quimioterapia. Como não era um caso de urgência, não podia ser removida para um hospital pelo helicóptero do Comandante Eluciano Assunção. Perguntei qual a solução. A resposta:

— Ter fé e acender um círio para Nossa Senhora de Nazaré.

Lembrei-me de ter visto no *Jornal Nacional* a remoção de uma médica americana que detectou um caroço no seio quando estava numa base científica próxima ao Pólo Sul. Na primeira tentativa, o frio impediu o pouso do avião, especialmente mandado para buscá-la. Limitou-se a lançar de pára-quedas o equipamento necessário para que se autome-dicasse, com as instruções necessárias. Semanas mais tarde, o avião pousou e a moça foi levada para Los Angeles.

Pobre Elvira. Não é médica, nada sabe de ciência, é cidadã brasileira e vive num lugar onde sequer há gasolina para uma viagem de voadeira*.

Uma das dificuldades que as equipes do *Carlos Chagas* encontram é descobrir quem possa se encarregar de cumprir as prescrições que deixam, com os remédios. Há muito pouca gente que sabe ler na região. Em Boca do Mineiro, só havia o Francisco, que tinha também a tarefa de ser catequista.

A Tenente Patrícia Fava, carioca de encantador sorriso, também fazia sua estréia

na Amazônia. Estudou farmacologia porque é apaixonada por química e adora trabalhar em laboratórios e fazer manipulações. Se prestar atenção no que os pacientes lhe dizem, vai ter muito o que aprender. A floresta é um laboratório gigantesco, que a população indígena conhece bem. Os

grandes laboratórios farmacêuticos do mundo mantêm pesquisadores na Amazônia e procuram isolar os agentes ativos da flora medicinal. A Merck, alemã, já patenteou um deles e um laboratório americano está patenteadando o veneno do sapo do Rio Negro como anestésico. Não custa e patenteiam o

guaraná, acabando com os planos da AmBev** de vendê-lo no mundo inteiro.

Diante desses casos, não adiantam queixumes nacionalistas. O que temos é de investir pesadamente em pesquisas e em biotecnologia para vencer a concorrência. O Instituto de Biotecnologia de Manaus, que o ex-reitor da Universidade do Pará, Seixas Lourenço, planeja há anos, talvez desta vez saia do papel. Entrou no planejamento do Avança Brasil.

Fui visitar um doente antigo de lepra. Ele já está curado, mas, infelizmente, foi tratado tarde e ficou com deformações sérias. Não saio de casa porque tenho vergonha — respondeu

 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<SAÚDE> / Apoio médico /; Amazônia; Jornalista;

* N.R.: Voadeira: Nome dado, na região amazônica, a canoas com motor de popa.

** N.R.: AmBev — Associação das maiores cervejarias do Brasil: Brahma e Antártica.